

## Mitos: ferramentas que proporcionam investigações sociológicas

Luiz Alexandre Solano Rossi\*

**Resumo:** Os mitos marcam a história da civilização. Pode-se dizer que são reflexo das contradições sociais que vive determinado grupo social. Dessa forma, analisá-los nos leva a perceber a história social e cultural que está por trás das narrativas míticas. Os mitos não servem para fantasiar a realidade, mas sim para desmascarar os atos brutais contra as minorias sociais.

**Abstract:** The myths have marked the history of civilization. It can be said that they reflect social contradictions lived by a certain social group. Thus, analyzing them leads us to notice the social and cultural history behind the mythical narratives. The myths have no use to fantasize about reality but to unmask the brute acts against social minorities.

**Palavras-chave:** mitologia - transformação social - sociologia

**Key-word:** mythology, social transformation, sociology

### Introdução

O artigo a seguir não constitui um estudo exaustivo do tema. Faltam-nos ferramentas adequadas e tempo suficiente para uma investigação mais criteriosa e exemplar. Portanto, ao usar a senda dos mitos enquanto ferramentas que proporcionam investigação sociológica, contentar-nos-emos em apresentar pistas, indicações e sugestões que, bem trabalhadas, podem abrir ao estudioso um ótimo campo de ação.

---

\* O professor Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi, bolsista de Pós-Doutoramento do CNPq, atua em programa de Pós-Doutoramento, sob supervisão do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, no Núcleo de estudos Estratégicos da UNICAMP, com apoio, também, do Centro de Pensamento Antigo da UNICAMP. É professor do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR.

Ao pesquisar e redigir o texto estive em diálogo com inúmeros autores (que se encontram citados na bibliografia). Suas contribuições foram "conditio sine qua non" para o desenvolvimento adequado da linha de pensamento que norteia o artigo.

As contribuições encontram-se plasmadas no corpo do texto. As orientações obtidas serviram como bússola a mostrar o caminho, apontando o rumo norte. Segui as pistas e agora passo a apresentá-las. Quem sabe poderemos fazer os caminhos juntos, encarnando os mitos guardados por séculos nas mentes, tradições e corações do povo sofrido das sociedades de ontem e de hoje.

### **1.A mitologia como estudo sociológico**

Nossa tese é a de que as necessidades sociais e as vicissitudes históricas teriam dado origem às tradições míticas da humanidade.

É incontestável a presença dos mitos ao longo da história da humanidade uma presença que, ao marcar o presente, impulsionou em direção ao futuro o grupo social que estava ao redor do mito.

Se todo povo pode ser localizado socioeconômica e histórico-culturalmente, podemos também evocar a possibilidade, que nesse caso chega às raias da certeza, do mito enquanto semente plantada e nascida a partir das necessidades próprias de determinado povo-clã-tribo a fim de responder e/ou explicar problemas e/ou situações consideradas conflituosas do ponto de vista sociológico.

Socorro-me em Schaden quando diz "Tanto na sua origem como em seus significados, os mitos são compreensíveis somente dentro da configuração cultural em que nasceram ou estão integrados" (p. 16).

Isto indica que os mitos são dinâmicos em sua relação com a atualidade social do grupo em que estão integrados. Estão vivos na comunidade e sempre presentes no espírito de seus membros, onde desempenham importante função.

Certamente estamos, como acertadamente nos leva a ver Schaden, na esfera de uma "sociologia dos mitos". Ele mesmo nos leva a perceber que, do ponto de vista da sociologia e da antropologia social, os textos míticos podem ser encarados quanto a três aspectos mais ou menos distintos:

- 1) a expressão ou reflexo da sociedade que, condicionando a elaboração dos temas ou assimilando os mitos, neles se inscreve com as suas formas próprias; 2) o seu significado ou valor representativo para os membros da sociedade de cujo patrimônio fazem parte, ou seja, o conjunto de associações despertadas pelo mito e 3) a sua

função que corresponde ao papel que lhes cabe na perpetuação da configuração sociológica (SCHADEN, 19).

Depreende-se das observações acima que o mito, quando visto como expressão das formas peculiares de uma sociedade, apresenta-se como tradição histórica, o que significa que a sua interpretação pode revelar não somente a organização social do grupo no presente, mas também uma série de transformações sociais ocorridas na comunidade em épocas talvez remotíssimas.

Vale notar e frisar que o mito tem um caráter social desde a sua origem: seja quando as forças sociais criam personagens míticos ou quando o próprio mito é compartilhado por homens e mulheres que vivem em sociedade.

Sem dúvida é preciso concordar com Hermann Baumann quando diz, com muito acerto, que "o mito é a representação concreta da concepção do mundo de comunidades humanas" (apud Schaden, p. 2).

Por outro lado, o mito não é social apenas em suas origens, mas igualmente em sua função. Contudo, qual a função do mito? A de contribuir para a solidariedade social.

Foi Preuss quem colocou com clareza, pela primeira vez, a função social do mito, ao acentuar que

não há apenas na narração mítica uma simples intenção explanatória para mostrar a origem das instituições, valores e representações existentes na sociedade, mas uma garantia necessária e suficiente da eficácia de ritos e cerimônias, da legitimidade das instituições e da validade dos valores morais e dos padrões de comportamento reconhecidos e aceitos pela tribo (apud SCHADEN, p. 23).

É de bom tom salientar que os mitos se encontram intimamente ligados ao contexto sociocultural, determinando e exprimindo a organização social de determinado povo, tribo ou clã, como também suas atividades socioeconômicas.

Ao abordar o assunto do ponto de vista tanto da sociedade quanto da cultura e suas inter-relações, estaremos preocupados em indagar de que maneira os mitos se ligam à estrutura social, pois de fato o mito não é simples fantasia, como sempre nos quiseram fazer crer, mas sim a transmissão de mensagens de um profundo valor social.

A partir da perspectiva exposta acima iremos verificar três mitos: um do contexto latino-americano (o relato mítico do tesouro do Condor), um do antigo Oriente Próximo e, por fim, um mito bíblico ( a Torre de Babel).

## 2. Relatos míticos

### 2.1. Relato mítico do tesouro do condor

Estamos nos Andes Colombianos. Por aqui se ouve uma lenda a respeito do condor. Nesta lenda, o condor, forma que às vezes assume um espírito dos tesouros quando é muito perseguido, manifesta sua cólera provocando desmoronamento e transbordamento de rios e lagos. Dessa maneira, impede a saída dos tesouros dos povoados aborígenes da América Latina.

Nos relatos míticos recolhidos na região ainda está presente a recordação dos fatos históricos, fazendo reviver, com horror, a sangrenta investida dos conquistadores. Na memória coletiva identifica-se o conquistador como seres monstruosos, metade homem e metade animal, que irrompiam ferozmente nas aldeias, deixando somente desolação e morte.

O relato que segue é uma reconstrução a partir de diferentes versões recolhidas na mesma região:

O índio desta região sempre lutou contra o invasor. Quando a conquista chegou, eles foram fugindo para a serra. Eles vivem lá em cima. Eles foram sempre muito valentes. Contam que antes, à meia noite, saíam os espíritos que perseguiam a gente antiga. Logo que soavam as doze horas passava uma carroça e ouvia-se churru, churru, churru. Ela passava recolhendo os índios que dormiam. Essa era uma carroça encantada, porque andava sozinha. Nas encruzilhadas dos caminhos apareciam também cavalos sem cabeça que, desenfreadamente, se atiravam em cima das pessoas e as matavam. Foi assim que acabaram muitas pessoas antigas. Ali onde elas viveram, agora só vêm reses. Alguns dizem que se haviam transformado em gado. Contam que, certa noite, os espanhóis haviam amontoado em seus barcos os grandes tesouros dos índios. Eles estavam dormindo e pretendiam sair no dia seguinte, bem cedinho, para a Espanha, quando o condor apareceu e levou todo o tesouro para a "pousada". O condor passou toda a noite fazendo viagens para transportar o ouro. Na última viagem, porém, ele já ia voando quando o galo e os espanhóis despertaram. Então se deram conta de que o condor estava carregando o ouro. Eles o expulsaram, mas não o mataram. O ouro que o condor levava caiu. Em seguida, caiu do céu uma bola de água no lugar onde se havia enterrado o tesouro.

Assim se formou um grande charco. Os espanhóis avistaram bem o lugar e foram buscar o tesouro. Quando passaram por um rio, os cavalos empinaram. Então deixaram os cavalos amarrados nos paus. Eles seguiram a pé, e no caminho ouvia-se toda espécie de ruídos, queixumes, berros de animais e cantos. Perto da lagoa, viram que corria um menininho douradinho. Ao ver os homens, o menininho amarelo foi correndo e desapareceu na lagoa. Quando os homens se aproximaram, a lagoa se enfureceu, começou a cobrir-se de neblina e a água começou a correr atrás deles que, assustados, fugiram. Por fim, a água os alcançou, e no mesmo instante ficaram convertidos em lajes. Os cavalos se perderam no monte. Desde então, eles andam correndo sem jamais deter-se, porque ficaram encantados. Os que haviam ficado esperando no porto, foram buscar os outros. Eles haviam visto uma luz que saltava lá perto da pousada do condor. Já iam bem alto quando lá no aramó começaram a ver galinhas chocas com seus pintainhos, como bolinhas de ouro. Ali havia cobras de ouro que se enrolavam nos troncos. De todos os lados saíam rãzinhas de ouro. Os homens foram perseguindo os animais de ouro e terminaram perdendo-se para sempre. Eles se encontraram no monte. Dizem que quando alguém se aproxima da pousada do condor fica encantado. O condor é quem encanta as pessoas. Ele é zelador desses tesouros (PALMA, 114).

#### **Comentário:**

Busco entender o "relato mítico do tesouro do condor" enquanto força histórica de libertação. Há muitos elementos que contribuem para essa indicação. Vamos a eles:

1) "O índio desta região sempre lutou contra o invasor (...) eles sempre foram muito valentes".

Percebe-se o desejo latente de libertação presente nos índios. Não há como deixar o invasor dominar e ser dono de tudo aquilo que pertence prioritariamente ao povo aborígine. A luta pela liberdade será constante enquanto existir a figura do invasor.

2) "Logo que soavam as doze horas, passava a carroça e ouvia-se o churru, churru, churru".

A expressão reflete o comportamento do invasor. Seu horário preferido para atacar o povoado era à noite. Feito espíritos maléficos, em sua ronda

encontravam moradores adormecidos e os levavam a fim de trabalharem nas minas.

3) "...os espanhóis haviam amontoado em seus barcos os grandes tesouros dos índios".

A apropriação indébita era atrevida. O tesouro (ouro), que para os aborígenes tinha valor sagrado, converte-se em meio de poder. Ao redor dele começa a se cristalizar uma estrutura de dominação. O valor sagrado de uma comunidade é de tal modo manipulado que acaba se tornando uma riqueza que envenena relacionamentos entre indivíduos e povos.

4) "...o condor apareceu e levou todo o tesouro para a pousada"

O condor, ave sagrada, surge a partir do ambiente da casa. A casa é o lugar do tesouro. Ambiente onde nascem as relações e tem início a sociedade.

5) "Eles o expulsaram, mas não o mataram"

E como poderiam matar? A força libertadora (núcleo) do mito permanece. Conseguem por alguns momentos afugentá-la, mas não conseguem assassinar a vida que promove a libertação. Ao deixar de matar o condor, selaram o próprio destino, pois, de fato, o ressurgimento da ave após a sua expulsão mostra claramente o início do desmantelamento de um grupo social (no caso, os espanhóis).

6) "Quando passaram por um rio, os cavalos empinaram (...) quando os homens se aproximaram a lagoa se enfureceu (...) e a água começou a correr atrás deles (...) a água os alcançou".

As expressões acima trazem recordações do livro do Êxodo em seu capítulo 15: "Jogou ao mar cavalo e cavaleiro". As imagens são rigorosamente próximas. Tratam de uma força que atua a favor dos desfavorecidos. Aqueles que são invadidos, saqueados e ultrajados em sua própria dignidade têm ao seu lado a força que de modo algum encontrariam na violência de uma arma de fogo. O exército inimigo simplesmente é desbaratado. A última palavra é um canto de vitória. A divindade mítica está ao lado dos pequenos.

7) "Ao ver o menino amarelo (...) começaram a ver galinhas com seus pintainhos, como bolinhas de ouro".

A cobiça e o desejo de ter levam os conquistadores a ver o "amarelo" e, conseqüentemente, correr atrás dele. Sentimentos como esses são capazes de desestruturar e dizimar povos inteiros, pois, ao caminhar em direção ao ouro, o conquistador vai promovendo toda a sorte de destruição e morte a fim de alcançar seus objetivos.

8) "Dizem que quando alguém se aproxima da pousada do condor, fica encantado". Ele é zelador desses tesouros".

Seria o condor o protetor do povo? Pois é exatamente essa a impressão que temos ao nos deparar com as expressões acima. Ele é o protetor do povo e assim age. A partir dele há segurança. A "pousada" é intocável. Ela não é um lugar passível de ser profanado pelas mãos e pela cobiça dos invasores. O condor (protetor), ao agir, assume a guarda do tesouro mítico, que não é dele, mas do povo.

A memória das populações indígenas vencidas não teima em sobreviver. Através do mito martírio e esperança, vida e resistência são articuladas como sementes lançadas sobre nós pelo El Condor, que continua a planar sobre as montanhas andinas.

## 2.2. O Mito de Atrajasis

Estamos diante de outro mito de enorme valor sociológico. Trata-se do mito babilônico chamado Atrajasis ou ainda Inuma ilu. Seu tema principal é o da rebelião do trabalhador oprimido, os deuses menores primeiro, os homens depois. O motivo da criação do homem é essencial, porém sujeito precisamente à do trabalho. O homem é criado para substituir os deuses oprimidos; porém quando o próprio homem se rebela, só há repressão para dizimar a humanidade (fome, peste, dilúvio e criação de mulheres estéreis).

Transcrição parcial do mito:

Tablilla I

### A) *La revuelta de las dioses*

Cuando (algunos) dioses eran hombre  
 Sobrellevaban el trabajo, soportaban la labor,  
 Grande era la labor de los dioses,  
 Pesado el trabajo, grande la angustia.  
 Los grande Anunnaki, a los siete  
 Iguigui quisieron hacer soportar el trabajo  
 Anu, su padre era el rey.  
 Su consejero era Enlil, el guerrero,  
 Su ayudante era Ninurta  
 Y su vigia Ennugui.  
 Los dioses habian tomado el cubilete por sus lados,  
 Habian tirado la suerte (y) repartido los dioses:  
 Al cielo Anu había subido;  
 Enlil (¿) había recibido la tierra, sus súbditos;  
 El cerrojo, la fosa del mar...

Al príncipe Enki le habían dado.  
 Después que Anu hubo subido al cielo,  
 Y Enki hubo descendido al Apsu,  
 ( la líneas 19-36 están muy rotas y apenas si aparecen menciones de los Iguigui, de excavaciones, del Tigris (trabajo de canalización), de su levantar la cabeza y contar los años de su labor penosa (y) Excesivo (...) por cuarenta años  
 (...) día y noche soportaran el trabajo  
 Ellos se quejaban, acusaban,  
 Murmuraban en la excavación:  
 "Presentémonos ante nuestro (...), el vigia  
 para que nos quite (de) sobre nosotros el pesado trabajo:  
 (...) el consejero de los dioses, el Héroe,  
 vayamos a sacar de su residencia,  
 a Enlil, consejero de los dioses, el Héroe,  
 vayamos a sacar de su residencia".  
 (...) abrió su boca,  
 y se dirigió a los dioses, sus hermanos,  
 (líneas 49-56 rotas)  
 al consejero de los dioses, al Héroe;  
 vayamos a sacarlo de su residencia Enlil, el consejero de los dioses, el Héroe; vayamos a sacarlo de su residencia.  
 Ahora, proclamad la guerra,  
 Metámonos en la ba talla y en el combate.  
 Los dioses escucharon su llamada:  
 Pusieron fuego en sus utensilios  
 Quemaron suas azadas,  
 Incendiaron sus cestos  
 Se tomaron unos a otros y se acercaron  
 A la puerta del santuario de Enlil, el Héroe.

*B) La creación del hombre*

Está (presente)  
 Que la diosa del nacimiento cree descendencia;  
 Que el hombre lleve la labor de los dioses.

Llamaron e interrogaron a la diosa,  
 La partera de los dioses, la sabia Mami:  
 "Eres tú, oh diosa del nacimiento! De la humanidad creadora  
 Crea al hombre; que él cargue con el yugo,  
 Que cargue el yugo impuesto por Enlil,  
 Que el hombre lleve la labor de los dioses".

Desejo fazer notória a enorme carga de palavras e/ou expressões com profundo valor sociológico que sobressai no texto mítico acima transcrito. Perceberemos que o valor semântico das palavras/expressões nos direcionarão a conclusões de ordem pedagógica, ou seja, o que ensina o mito?

*Grupo 1 de palavras (em relação ao trabalho)*

- trabalho
- excediam o trabalho (hora extra)
- suportavam o trabalho
- grande era o trabalho
- pesado o trabalho
- excessivo (por 40 anos)
- dia e noite
- o trabalho nos tem matado

A consequência foi o clamor e a revolta dos deuses menores.

*Grupo 2 de palavras (pré-reação dos deuses)*

- grande angústia
- queixavam-se (clamar)
- acusavam
- murmuravam

O clamor causa incômodo e apressa a libertação dos deuses menores.

*Grupo 3 de palavras (reação dos que detêm o poder):*

- escutaram o clamor de fora
- armaram-se
- prepararam os guardas com a porta fechada

Diante da inquietação e murmúrio dos deuses há o medo dos que se encontram encastelados.

*Grupo 4 de palavras (em relação a ação dos revoltosos):*

- cercam a casa
- desejo de mudar a situação

Clamor e ação juntam-se a fim de que o trabalho excessivo deixe de existir. Há organização para a libertação.

*Grupo 5 de palavras (resultado):*

- há o reconhecimento do trabalho excessivo

Em relação à criação do ser humano:

Grupo 1:

- homem carregue a tarefa dos deuses
- carregue o jugo imposto por Enlil

Grupo 2:

"Eu suprimi vosso trabalho pesado e vosso duro labor, ao homem o tenho imposto. O clamor foi transferido para a humanidade: para vós desatei o jugo e estabeleci a liberdade".

Grupo 3:

"Os homens se multiplicaram. O país bramava como um touro. Deus estava perturbado por seus gritos. Enlil escutou seu grito... Demasiado pesado é para mim o clamor da humanidade". Enlil não consegue achar tranquilidade.

O clamor que faz surgir a rebelião traz consigo inúmeras consequências negativas:

- 1º praga = a peste
- 2º praga = os alimentos são cortados
- 3º praga = a inundação
- 4º praga = mulheres estéreis

Enki surge no mito como aquele que desata o jugo e estabelece a verdade. Em relação ao dilúvio, Enki adverte a Atrajasis. É a salvação. Na disputa dos deuses entre Enlil e Enki, este último opta pelo ser humano em rebelião.

Praticamente todos os grupos de palavras nos levam a um trinômio: trabalho em excesso - clamor - libertação.

Busco ver no clamor o elemento catalizador que causa a instabilidade na sociedade onde o mito está inserido.

A criação do ser humano com o intuito de substituir os deuses menores no trabalho forçado é, sem dúvida alguma, argumento legitimador de sistemas e estruturas que promovem o bem-estar somente daqueles que possuem o poder.

As pragas servem como um expediente para neutralizar a ação revoltosa dos homens trabalhadores. A vida se encontra ameaçada pelas pragas.

O clamor e a organização da humanidade são como fermento a causar ebulição nos governos que produzem antividua e opressão.

### **2.3. O relato da Torre de Babei**

Estamos novamente às voltas com um relato de profundo alcance social. O relato da Torre de Babel é por demais conhecido nos círculos cristãos. Notadamente, sempre foi interpretado a partir de uma perspectiva fundamentalista. Conseqüentemente, por muito tempo conclui-se que o conteúdo específico da mensagem do relato seria a vanglória humana. Porém, a força social que o texto possuía veio à luz. Vamos, portanto, ao texto:

O mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras. Ao emigrar do Oriente, os homens encontraram uma planície no país de Senaar, e aí se estabeleceram. E disseram uns para os outros: Vamos fazer tijolos e cozê-los no fogo. Utilizaram tijolos em vez de pedras e piche no lugar de argamassa. Disseram: Vamos construir uma cidade com uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos e não nos dispersarmos pela superfície da terra. Então Javé desceu para ver a cidade com a torre que os homens estavam construindo. E Javé lhes disse: Eles são um povo só e falam uma língua só. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nenhum projeto será irrealizável para eles. Vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro. Javé os espalhou daí por toda a superfície da terra e eles pararam de construir a cidade. Por isso, a cidade recebeu o nome de Babel, pois foi aí que Javé confundiu a língua de todos os habitantes da terra e foi daí que ele os espalhou por toda a superfície da terra.

## 1. A cidade e a torre

Uma melhor tradução do texto seria: a cidade com uma torre ou um forte. É sabido que nas cidades moravam os que tinham o controle da sociedade. Aqueles que mandavam encontravam-se em seu interior. Suas palavras eram lei. Os reis, príncipes e comerciantes ali se refugiavam.

A cidade era, portanto, o centro de dominação e coerção pelo uso da força. A cidade exercia domínio sobre o campo e as pessoas que ali viviam não tinham como se defender. Eram obrigados a pagar tributos e a trabalhar na corvéia (trabalho forçado).

Enquanto construía a cidade com uma torre, ao mesmo tempo estavam construindo um sistema de antiveda. Eles edificavam a cidade que seria o fator de domínio sobre eles.

Uma cidade com uma torre indica concentração de poder cultural, militar e político. É pelo poder militar - das armas presentes na torre - que se impunha o domínio sobre o campo.

Indica também imposição cultural: que todos falem a mesma língua, que todos pensem do mesmo modo, quem ninguém tenha algum ato de subversão - para que o domínio seja completo.

Sempre que vemos um grupo se fortalecendo para impor suas idéias, seja pela força física seja pelo capital, estamos assistindo a Babel sendo construída.

## 2. A ideologia dos dominantes

Ninguém nunca se contenta com o que tem. É por isso que as pessoas buscam construir um nome. Edificar um nome equivale a organizar um reinado, um grupo forte que venha a crescer e posteriormente ditar ordens para os grupos menores.

Javé age para que a construção da cidade seja interrompida. A cidade está fora da realidade de Deus e causa, por isso mesmo, forte indignação no libertador.

Ao se construir um nome, também uma ideologia é construída. E com isso os dominadores querem dizer que tudo o que eles fizerem possuem uma razão de ser. Sempre se edifica um nome a custas de outras pessoas. Por isso, pode-se dizer que fazer um nome é um projeto opressor e marginalizador.

O nome que se dá é o nome do dominante.

Seu nome será o nome dos mais fracos.

O povo do campo é "registrado" com o nome daqueles que moram em fortalezas.

Pode-se dizer que até mesmo a sua linguagem precisa ser a mesma dos dominantes.

### 3. Dispersão e divisão como empecilho para a dominação

Enquanto os que têm poder querem reunir para dominar com maior facilidade, Javé quer dispersar para que não haja dominação. Para os que detêm o poder político a dispersão dos povos e a divisão das línguas são uma maldição, mas para os grupos minoritários e explorados é a salvação. Javé invade a história para impedir que um projeto opressor tenha conclusão. Javé intervém e opta pelo grupo mais fraco, como sempre fez ao longo da história.

### Conclusão

Ao analisarmos três mitos tínhamos em mente salientar o valor dos mitos para a pesquisa social. Após o término do trabalho percebe-se, de forma muito clara, que os mitos deitam suas raízes na vida do povo. Refletem um jeito de ver a sociedade e sinaliza conflitos que são inerentes a toda história:

El Condor - aborígenes *versus* conquistadores

Atrajasis - liberdade *versus* trabalho forçado

Torre de Babel - campo *versus* cidade

Duas perguntas se fazem necessárias: o mito se encontra de que lado? Diante das forças sociais que se enfrentam, qual a posição do mito? Nossa pesquisa somente levanta questões. Ainda não temos condições apropriadas para responder a elas; contudo, elas ficam na estrada para quem quiser acompanhá-las e - por que não? - decifrá-las.

### Bibliografia

Ao longo do texto evitei o máximo as notas bibliográficas. Porém, fiz-me acompanhar de inúmeros estudiosos que estiveram desbravando o tema proposto para o estudo.

De PALMA, Milagros debruçei-me em seu *El Condor: a dimensão da ave sagrada*. São Paulo: Paulinas, 1987. Com SCHADEN, E. conversei sobre a sua *Mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1989. Já SCHWANTES, M. apareceu com *Projetos de Esperança*. Petrópolis; Vozes, 1989. Outro texto de enorme valor foi o editado por BEYERLIN, W. *Eastern Religious Texts Relating to the Old Testament*. O mito de Atrajasis nos vem de uma apostila elaborada pelo saudoso CROATTO, J.S. *Mitos*. Buenos Aires: ISEDET, 1986.

